



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Relatório final de Estágio Pedagógico

Relatório final de estágio realizado na Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensino Básico e Secundário

Orientador de Faculdade: Mestre Acácio Manuel da Silva Gonçalves

Orientadora de Escola: Licenciada Ana Maria Ribeiro Antunes Banha

Júri:

Presidente:

Doutora Ana Maria Silva Santos, Professora Auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutora Ana Luísa Dias Quitério, Assistente Convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Mestre Acácio Manuel da Silva Gonçalves, Assistente Convidado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Licenciada Ana Maria Ribeira Antunes Banha, docente da Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro

Helder Miguel Lucas Espínola

2014

Agradecimentos

Aos meus pais, porque foram eles que com muito esforço e humildade me permitiram percorrer este caminho;

À Débora, pela paciência, compreensão e apoio dado ao longo dos anos. Sem ela, teria sido muito mais difícil manter o rumo;

Ao núcleo de estágio, em especial à Filipa, pelas muitas horas de trabalho e companheirismo demonstrado ao longo de todos estes anos;

À Professora Ana Banha, por todo o apoio e conhecimento que me transmitiu. Com ela evolui não só como professor, mas também como homem;

Ao Professor Acácio Gonçalves, pela ajuda e experiência transmitidas;

Aos alunos do 7ºB, que todos os dias mostraram-me algo novo e involuntariamente criaram desafios diários que fizeram com que evoluísse ainda mais;

À Professora Teresa Costa, que foi mais que uma colega, foi um grande apoio e uma referência ao longo de todo o ano;

Ao resto do grupo de Educação Física da Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro, que tão bem me acolheu com todo o apoio e solidariedade;

Ao Diretor António Castel-Branco, que se mostrou sempre disponível para colaborar e sempre mostrou interesse no nosso trabalho e desenvolvimento;

À Professora Isabel Portela que se mostrou sempre compreensiva e paciente com a minha ignorância e inexperiência;

A toda a comunidade escolar do Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro, pela forma como me receberam e pela colaboração sempre que foi necessária;

Ao Miguel, pelos momentos partilhados e pela grande amizade ao longo dos anos;

À Emília, que sem questionar, me acolheu todos os dias sem pedir nada em troca;

Ao *Núcleo Duro* da Associação de Estudantes da Faculdade de Motricidade Humana, que ao longo destes anos me mostrou que com empenho, cooperação e ambição podemos sempre chegar mais alto;

Ao Gil, à Filó e à Nicole, por terem sido uma autêntica família nestes últimos anos.

Resumo

O presente relatório de estágio é uma análise reflexiva do processo de estágio pedagógico, inserido no Mestrado de Ensino de Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, pertencente à Faculdade de Motricidade Humana.

Este estágio decorreu na Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro, tendo como linhas orientadoras o Guia de Estágio Pedagógico de 2013/2014. Este explica as competências a adquirir ao longo do processo nas quatro áreas de intervenção.

Na área 1 – Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem, descrevo a relação entre os três processos existentes nas aulas de Educação Física: planeamento, condução e avaliação.

Na área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica, desenvolvi um estudo de investigação sobre a perceção da comunidade escolar da EB 2,3 Ferreira de Castro acerca da inclusão dos alunos da educação especial no ensino regular.

Na área 3 – Participação na Escola, colaborei no núcleo de Patinagem do Desporto Escolar, bem como nos eventos da Feira Quinhentista e *Ambientalíadas*.

Na área 4 – Relação com a comunidade, coadjuvei no trabalho de direção de turma do 7ºB.

Em cada uma das áreas é feita uma descrição e reflexão sobre as minhas ações e práticas, as dificuldades com que me deparei e as soluções encontradas para ultrapassar os obstáculos.

No final, realizo um balanço reflexivo geral sobre todo o meu processo de estágio referindo o contributo do mesmo para a minha formação e quais as bases criadas para o contínuo desenvolvimento que pretendo levar a cabo no futuro.

Palavras Chave: Alunos, Desporto Escolar, Dificuldades, Estratégias, Formação

Abstract

This final report is a reflective analysis of the process of educational teaching training included in the Master's Degree in Physical Education in Basic and Secondary School.

This training process took place at Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro and was guided by a document called Guia de Estágio Pedagógico 2013/2014 that defines the competences to achieve in the four areas of intervention.

In Area 1 – Organisation and Management of teaching and learning, I explain the relation between planning, leading and evaluating in Physical Education Classes.

In Area 2 – Innovation and Educational Research, I developed a case study about the perception of school community about the inclusion of disabled students in regular classes.

In Area 3 – Participation in School, I was part of a school sports team, the Skating team and I helped the organisation of the school's Renaissance Fair and the *Ambientalíadas* event.

In Area 4 – Relationship with the community, I assisted the Class Head-Teacher in her everyday work.

In each area I reflect about my actions and practices, including my difficulties and the strategies found to overcome them.

Finally, I will perform a final reflection on the whole process inherent to the teaching internship, referring to its contributions for my education and the guidelines that were created for my future as a physical education teacher.

Key-Words – Students, School Sports, Difficulties, Strategies, Formation

Índice

1. Introdução.....	1
2. Contextualização	2
2.1. Escola.....	2
2.2. Subdepartamento de Educação Física	4
2.2.1. Grupo de Educação Física	4
2.2.2. Núcleo de estágio.....	6
2.3. Recursos	7
2.3.1. Espaciais e materiais.....	7
2.4. Turma – 7ºB	8
3. Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem.....	9
4. Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica	21
5. Área 3 – Participação na Escola	26
6. Área 4 – Relação com a comunidade	31
7. Conclusão.....	35
8. Bibliografia.....	37
9. Anexos	40

Índice de anexos

Anexo A – Projeto educativo

Anexo B – Projeto Curricular

Anexo C – Protocolo de avaliação inicial

Anexo D – Rotação de Espaços definido pelo Grupo de Educação Física

Anexo E – Questionário inicial

Anexo F – Estudo de turma

Anexo G – Plano anual de turma

Anexo H – Plano da 1ª etapa

Anexo I – Plano da 2ª etapa

Anexo J – Plano da 3ª etapa

Anexo K – Ficha de avaliação formativa

Anexo L – Critérios de avaliação do grupo de Educação Física

Anexo M – Ficha de observação

Anexo N – Projeto de investigação

Anexo O – Questionário dos professores

Anexo P – Questionário dos alunos

Anexo Q – Questionário dos encarregados de educação

Anexo R – trabalho de investigação

Anexo S – Apresentação do trabalho de investigação

Anexo T – Ficha de avaliação da apresentação

Anexo U – Programa do desporto escolar 2013-2017

1. Introdução

O presente documento é construído com o intuito de analisar e refletir sobre o estágio pedagógico realizado na Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro, no ano letivo de 2013/2014, integrado no Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana. Este relatório marca o final de um processo que me permitirá estar habilitado a dar aulas de Educação Física no futuro (embora que longínquo). Como tal, é com enorme orgulho e satisfação que chego ao fim de um percurso carregado de desafios que serviram de rampas de lançamento para a minha evolução ao longo do ano.

Este documento tem como base as competências definidas no Guia de Estágio Pedagógico de 2013/2014 e parte de uma reflexão crítica sobre o processo de aquisição das mesmas. Através dessa análise crítica do desenrolar desse processo, poderei projetar o meu caminho para o futuro, continuando a construir e adquirir conhecimentos e experiências que me permitam melhorar todos os dias profissional e pessoalmente.

No início deste relatório é apresentada uma contextualização do local onde se desenvolveu o estágio, caracterizando de forma reflexiva a escola, o grupo de Educação Física, os recursos espaciais e materiais disponíveis para a lecionação da disciplina e, em particular, a turma que acompanhei durante o ano letivo.

Na segunda parte apresento uma reflexão das quatro áreas que compõem o estágio: “Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem”, “Inovação e Investigação”, “Participação na Escola” e “Relação com a Comunidade”. Em cada área são referidas as atividades desenvolvidas, procurando refletir sobre as dificuldades com que me deparei e as estratégias encontradas para as superar. Embora este documento esteja dividido em áreas, é possível perceber ao longo do mesmo que elas se cruzam várias vezes e que se influenciam mutuamente.

No final, realizo uma reflexão geral sobre todo o processo de estágio e que engloba as minhas experiências e aprendizagens, e aqui será dada especial importância às orientações que ficarão para o meu futuro, como professor.

2. Contextualização

2.1. Escola

O Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro foi constituído no ano letivo de 2004/2005 (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro, 2011). Este agrupamento é constituído por cinco unidades de ensino: a Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro, a Escola Básica do 1º Ciclo Nº1 de Mem Martins, a Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de Ouressa, a Escola Básica do 1º Ciclo Nº3 de Mem Martins e o Jardim de Infância Nº2 de Mem Martins.

Este agrupamento é composto por 2321 alunos, dos quais 113 alunos têm necessidades educativas especiais e 886 alunos estão abrangidos pelos serviços de ação social nos escalões A e B, 176 elementos pertencem ao pessoal docente e 76 elementos pertencem ao pessoal não docente.

A Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro situa-se na freguesia de Algueirão-Mem Martins, no concelho de Sintra e alberga 1136 alunos, dos quais 521 frequentam o 2º ciclo e 615 o 3º ciclo, distribuídos por 46 turmas, incluindo ainda 3 turmas de Percursos Curriculares Alternativos e uma turma do Curso de Educação e Formação de Operadores de Informática.

A escola é constituída por um edifício central, dividido em 3 blocos, por um pavilhão Gimnodesportivo, por um bloco independente, um edifício adaptado para a Unidade de Multideficiência, um campo exterior, pátios e jardins. No primeiro bloco, para além de salas de aula, estão a sala de professores, a sala de diretores de turma, a sala de atendimento, o gabinete da mediação, a secretaria, a reprografia, os serviços de ação social, o gabinete de psicologia, a unidade de autismo e o bar dos professores. A sala de professores acabou por ser mais um espaço de convívio e de contato do que de trabalho, visto que a maioria deste foi realizado na sala de professores de educação física no pavilhão. A existência de dois espaços para os diretores de turma é bastante benéfica já que assim é possível receber vários encarregados de educação em simultâneo e mesmo assim ter um espaço de trabalho sem prejudicar as reuniões que possam acontecer. Foi nestes espaços que realizei grande parte do trabalho de direção de turma bem como os contatos com os encarregados de educação. A existência de uma sala de mediação para os alunos que são expulsos da sala de aula é, na minha opinião, uma mais-valia, visto que assim os alunos mesmo após saírem da sala de aula são sempre acompanhados, os encarregados de educação são imediatamente informados e os alunos têm tarefas para realizar durante o tempo em que estão na sala. Nos outros blocos podemos encontrar a papelaria, o bar dos alunos e o refeitório.

O Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro está integrado no Programa de Territorialização de Políticas Educativas de Intervenção Prioritária II (TEIP II) com o intuito de criar as condições para se conseguir uma melhoria do ambiente educativo por forma a promover o sucesso educativo dos alunos. A integração neste programa deve-se ao número de ocorrências reportadas pelo Gabinete de Segurança do Ministério da Educação e ao número de intervenções concretizadas pelo projeto da Escola Segura para proteção dos alunos. Por estar inserido neste programa, o agrupamento dispõe de recursos que outras escolas não têm: presença de um animador nos espaços de recreio, mais psicólogos, mais horas dedicadas ao apoio e de maior ajuda nas verbas para recuperação da escola.

Segundo o Projeto Educativo (Anexo A) (Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro, 2011) “o Agrupamento tem como missão a escolarização de todos os alunos, promovendo a sua formação integral e contribuindo para que sejam cidadãos ativos e conscientes dos seus direitos e deveres, privilegiando a inclusão”. Esta missão engloba os valores que são linhas orientadoras para atingir a visão de ser um Agrupamento de referência a nível nacional, primando pelos resultados dos seus alunos e pela integração efetiva, promovendo a inclusão plena e a progressão social, e constituindo um polo cultural na comunidade. Para fazer valer a sua missão e visão, o mesmo documento define quatro finalidades:

Melhorar significativamente as qualificações e condições de trabalho de todos os elementos da comunidade escolar; construir a autonomia do agrupamento no quadro de uma gestão partilhada, em que se articulam os vários órgãos e serviços; formar integralmente os alunos, aumentando os níveis de sucesso e promovendo uma formação de índole académica e tecnológica sólida; tornar o Agrupamento numa instituição com identidade própria, interveniente e aceite de pleno direito junto da comunidade.

Existe ainda outro documento crucial que guia todo o trabalho realizado na escola – Projeto Curricular (Anexo B). Segundo Roldão (1999)

Este documento reconstrói e apropria o currículo face a uma situação real, definindo opções e intencionalidades próprias, e construindo modos específicos de organização e gestão curricular, adequados à consecução das aprendizagens que integram o currículo para os alunos concretos daquele contexto.

É possível observar o trabalho desenvolvido na escola no sentido de cumprir a missão e de atingir os vários objetivos estabelecidos. A existência de unidades específicas com pessoal especializado para incluir alunos com deficiências mais ou menos profundas, as várias atividades desenvolvidas ao longo do ano para promover os comportamentos de

cidadania e a multiculturalidade, o apoio social e a relação com as famílias desfavorecidas, os apoios dados aos alunos com dificuldades académicas são exemplos de iniciativas que a escola promove e que seguem os valores definidos no seu Projeto Educativo.

A Escola dispõe de um Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, que pretende intervir junto dos alunos e das famílias para melhorar o desenvolvimento pessoal, social e escolar dos educandos. A escola disponibiliza igualmente apoios nas diversas disciplinas, para onde os professores podem encaminhar os alunos com mais dificuldades de aprendizagem, procurando garantir que as ultrapassem e que alcancem o desejado sucesso escolar. Os alunos podem também ter apoio na disciplina de Educação Física, através do Clube de Exercício, onde, com a ajuda de um dos professores da disciplina, podem superar as suas dificuldades. No entanto, a frequência dos alunos ao Clube de Exercício não é a melhor, restando perceber a razão pela qual faltam a este apoio e não aos outros, embora reconheçam as dificuldades e necessidades.

Para que seja possível atingir as metas propostas, é necessário que seja envolvida toda a comunidade escolar e que os esforços de todos os atores que a compõe sejam articulados, num processo constante e regulado. No entanto, este processo ainda não está completamente implementado, já que a participação dos encarregados de educação na escola não é a melhor, como refere a Avaliação Externa feita em 2011 pela Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo da Inspeção Geral da Educação e Ciência.

A escola e todos os seus órgãos que a constituem receberam o núcleo de estágio de forma bastante positiva e apoiaram todas as iniciativas, como por exemplo, na palestra por nós organizada ou na entrevista feita ao diretor para contextualizar o nosso trabalho de investigação.

2.2. Subdepartamento de Educação Física

2.2.1. Grupo de Educação Física

Existem quatro departamentos na Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro: expressões, línguas, ciências sociais e humanas e matemática e ciências exatas. O grupo de Educação Física tem como subcoordenadora a Professora T. C. e está integrado no departamento de expressões que é coordenado pelo professor M. M.. O fato de estar integrado num departamento permite aos professores partilharem experiências e estratégias e facilita também a organização e gestão por parte da direção da escola. Esta gestão hierárquica foi observada várias vezes ao longo do ano, já que cada vez que houve

reunião de departamento, seguiu-se sempre uma reunião de grupo para discutir aquilo que tinha sido falado anteriormente, aplicando ao caso da Educação Física.

O grupo de Educação Física foi constituído por onze professores e por três professores estagiários. Destes, quatro lecionaram aulas ao 2º ciclo e os restantes ao 3º ciclo. Para além das aulas, o grupo promoveu também ao longo do ano seis núcleos de desporto escolar: Voleibol, Badminton, Patinagem, Ginástica, Dança e Natação e ainda o Clube de Exercício, sendo que cada um dos estagiários escolheu um núcleo para acompanhar.

O Clube de Exercício é um projeto do grupo, criado há alguns anos com duas finalidades: apoiar os alunos com muitas dificuldades na disciplina de Educação Física e fazer trabalho específico de perda de peso em alunos que são anteriormente encaminhados com problemas de excesso de peso. Esta é uma iniciativa que considero de grande valor e que deveria ser aplicada em todas as escolas do país. Com poucos recursos é possível combater casos de obesidade e sedentarismo que são cada vez mais frequentes nas escolas.

O grupo de Educação Física utiliza como base para o seu trabalho os seguintes documentos: Programas Nacionais de Educação Física, o Projeto Curricular de Educação Física, os critérios de avaliação, o Projeto Educativo da Escola e respetivo Regulamento Interno da escola e, por fim, o protocolo de avaliação. Este último orienta a avaliação inicial, formativa e sumativa. Embora a forma de operacionalizar seja diferente de professor para professor, o grupo discute entre si estratégias e tenta uniformizar processos de ensino, através das conferências curriculares que ocorreram ao longo do ano.

O protocolo de avaliação foi elaborado pelo grupo de Educação Física com base nos Programas Nacionais de Educação Física, neste documento estão contempladas as matérias a avaliar e as situações em como estas são avaliadas. Segundo o exemplo dado por Carvalho (1994), “uma das fases da construção do protocolo de avaliação inicial é a conceção de um sistema de registo que seja traduzível na mesma linguagem para todos e que contemple as informações necessárias para a preparação do trabalho do professor”. No protocolo de avaliação inicial do grupo de Educação Física, não estão incluídas fichas de registo, o que faz com que cada professor tenha um sistema de registo distinto, isto dificulta a partilha de resultados bem como o planeamento futuro do grupo de educação física. A solução encontrada pelo grupo foi então construir um protocolo de avaliação inicial (Anexo B) mais detalhado e completo, no entanto este não foi assumido pelo grupo de Educação Física que o considerou demasiado complexo, tendo sido utilizado exclusivamente pelo núcleo de estágio.

Uma das principais qualidades do grupo de Educação Física, foi a capacidade de organizar variadíssimas atividades ao longo do ano, tanto de cariz desportivo como de ligação com outros departamentos. A organização de torneios de modalidades coletivas no final de cada um dos períodos, os concursos MegaSprint, MegaSalto, MegaKilómetro ou o Corta-Mato são exemplos dessas atividades desportivas. As *Ambientalíadas* e a Feira Quinhentista foram iniciativas de outros departamentos da escola, mas que o grupo de Educação Física fez questão de participar com atividades lúdicas e pedagógicas no pavilhão. Por fim, gostaria de referir também a Festa do 1º Ciclo, que aconteceu no final do 3º período e trouxe à escola os alunos do 1º ciclo das escolas de todo o Agrupamento o que revela um papel importante do grupo na coesão e relação entre escolas do agrupamento.

Fiz questão de colaborar no planeamento e organização destas atividades o que me fez perceber o papel do grupo dentro da escola e assim trazer algo de novo para a minha formação. Considero também muito benéfica a variedade de atividades existentes ao longo do ano, chegando assim aos alunos que tenham diferentes gostos. Este dinamismo deverá ser mantido e a escola só terá a ganhar se, os professores dos outros departamentos começarem a dar mais importância às atividades organizadas pelo grupo, facilitando assim a presença dos alunos nas atividades, que valorizam a escola e promovem hábitos de vida saudável.

Todos os eventos foram planeados em conjunto nas reuniões realizadas ao longo do ano, no entanto penso que estas reuniões deveriam acontecer com maior regularidade, visto que assim poder-se-iam discutir assuntos do foro didático e pedagógico, procurando em equipa encontrar estratégias para superar as dificuldades de cada um.

2.2.2. Núcleo de estágio

Este foi o primeiro ano que a Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro recebeu um grupo de professores estagiários da disciplina de Educação Física. O núcleo foi composto por três estagiários, todos licenciados em Ciências do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana.

Cada um de nós ficou com uma turma do 7º ano bem como um núcleo de Desporto Escolar – Patinagem, Dança e Natação. As turmas atribuídas revelaram ser bastante diferentes entre si, desta forma tivemos a possibilidade de observar e experienciar diferentes situações, que com turmas semelhantes não seria possível. Esta variedade de turmas foi bastante positiva, permitindo a aquisição de mais ferramentas e estratégias que no futuro poderão ser úteis na minha prática letiva.

A oportunidade de observar as aulas dos colegas, partilhando e percebendo as estratégias de ensino adotadas por cada um, permitiu-me identificar as dificuldades de cada um para, posteriormente, os ajudar a ultrapassá-las. Um dos constrangimentos que existiu no núcleo foi a incompatibilidade de horários, mas conseguimos gerir esta dificuldade, através de marcação de reuniões de grupo após o término ou no intervalo das atividades letivas. Segundo Onofre (1996), “(...) através da Supervisão, os professores menos experientes podem aumentar a sua capacidade de análise, reflexão e compreensão do ensino”. A presença da orientadora nas aulas e reuniões permitiu aumentar as capacidades anteriormente referidas e foi fundamental para que pudesse progredir na minha prática, seguindo as orientações e *feedbacks* providenciados por ela no final de cada aula. Nas reuniões semanais eram discutidos os pontos fortes e fracos das aulas de cada um de nós, com todos a contribuírem para a evolução de cada um dos professores estagiários.

2.3. Recursos

2.3.1. Espaciais e materiais

A Escola 2,3 Ferreira de Castro tem, na minha opinião, excelentes instalações e condições materiais para a lecionação de aulas de Educação Física.

A escola possui cinco espaços que permitem a realização das aulas, são eles dois ginásios, um pavilhão gimnodesportivo, um campo exterior e ainda um pequeno ringue também no exterior.

Todos os espaços são polivalentes, embora alguns sejam mais indicados para matérias mais específicas (como os ginásios, por exemplo), o que permite aos professores lecionar todas as matérias ao longo do ano, mesmo que as condições climáticas possam influenciar o local onde são realizadas as aulas. O único aspeto negativo sobre os recursos espaciais e materiais da escola prendem-se com a inexistência de uma caixa da areia para a prática do salto em comprimento, bem como a impossibilidade de lecionar Voleibol nos espaços exteriores, devido à falta de material adequado.

O grupo de Educação Física elabora todos os anos um sistema de rotação de espaços (Anexo C). Este sistema define que durante três semanas cada turma tem dois espaços diferentes por semana e que a rotação é sempre feita no mesmo sentido ao longo do ano. É importante referir também que o grupo definiu duas semanas (uma no primeiro período e a outra no terceiro) para a aplicação dos testes de *Fitnessgram*. Considero esta uma boa estratégia porque assim todos os professores aplicam os testes ao mesmo tempo e durante uma semana a rotação dos espaços é feita especificamente para que todos os

professores possam realizá-los na totalidade, podendo ter acesso a todos os resultados mais cedo.

2.4. Turma – 7ºB

O 7ºB era constituído por 30 alunos, dos quais 13 rapazes e 17 raparigas, todos com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos. A turma tinha 5 repetentes, 4 dos quais no 7º ano, no entanto não tinha nenhum aluno com Necessidades Educativas Especiais e apenas 1 aluna provinha de outra escola. O aproveitamento no ano anterior tinha sido positivo de uma maneira geral, com poucos alunos com uma ou duas negativas no máximo.

Durante o período de avaliação inicial apliquei um questionário aos alunos para poder recolher mais informações sobre os mesmos, através desse mesmo questionário percebi que 19 alunos indicaram a Educação Física como uma das disciplinas favoritas e nenhum como uma das disciplinas que menos gostava. Isto deu-me boas indicações, porque grande parte da turma estava previamente motivada para as aulas por esta ser uma disciplina que era do seu agrado. Outro dado relevante prendeu-se com o fato de metade da turma estar inscrita num núcleo de desporto escolar, na Patinagem ou na Ginástica, houve ainda dez alunos que responderam praticar desporto fora da escola, sendo o Futebol o mais referido.

Em termos socioeconómicos, quase metade da turma beneficia de apoio dos Serviços de Ação Social Escolares, o que revela uma heterogeneidade dentro da turma. Outro dado importante nesta categoria prende-se com as habilitações dos encarregados de educação da turma, que na sua maioria são reduzidas (ensino secundário incompleto ou inferior) com apenas uma mãe a ter formação superior.

Durante o ano letivo verifiquei que os alunos evoluíram a cada dia nas diversas matérias lecionadas nas aulas de Educação Física. No início do ano letivo foi necessário estabelecer algumas rotinas e regras de funcionamento na aula, como a importância de chegarem a horas à aula ou o método de aquecimento (um aluno diferente por aula a liderar os exercícios). Praticamente todas as rotinas foram asseguradas por parte dos alunos, à exceção da pontualidade.

3. Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

A área de Organização e Gestão do ensino e da aprendizagem constituiu a área principal do estágio pedagógico e contempla três subáreas – Planeamento, Condução e Avaliação. Esta área foi desenvolvida como um todo, uma vez que todas as subáreas estão interligadas e relacionadas diretamente com todo o processo ensino aprendizagem, não podendo, assim, ser vistas individualmente.

Ainda antes do início do ano letivo, aconteceram várias reuniões onde tive a oportunidade de conhecer os orientadores, a escola e o restante grupo de Educação Física. Nestas reuniões foram-me dados a conhecer os documentos construídos pelo grupo que guiaram toda a prática letiva ao longo do ano. Aqui foram também definidos alguns parâmetros para o período de avaliação inicial, como a duração por exemplo. Estas primeiras reuniões de grupo, permitiram aos professores novos (incluindo eu) conhecerem as instalações, métodos e rotinas de funcionamento do grupo, foi também importante para que todos os professores tenham um período semelhante de avaliação inicial para no final desse mesmo período realizar outra reunião para análise e discussão de resultados.

Seguindo a sugestão da orientadora, dinamizei jogos pré-desportivos nas primeiras quatro aulas. Neste curto período de tempo consegui conhecer melhor os alunos (alunos com mais dificuldades ou mais problemáticos, por exemplo), introduzi algumas rotinas de organização e tentei estabelecer um clima de aula positivo. Considero que esta foi uma fase importante, visto que as primeiras aulas serviram também para estabelecer uma relação e um clima de aula que fosse ao mesmo tempo positivo, mas que não compromettesse a disciplina. Algumas rotinas de organização como nomes ou gestos, foram introduzidos nesta aula para assim estarem assimiladas na avaliação inicial. Futuramente esta estratégia poderá ser-me útil no início de cada ano letivo, uma vez que permite conhecer o nome dos alunos e a turma no geral. Este período de adaptação apenas faz sentido quando não se conhece os alunos da turma. No caso de se verificar a continuidade pedagógica, iniciaria o período de avaliação inicial imediatamente após a aula de apresentação.

Foi também numa destas aulas que apliquei o questionário inicial (anexo D) para saber mais informações sobre a turma e poder assim dar início ao meu trabalho de estudo de turma (Anexo E) inserido na área 4 – Relação com a comunidade. O outro objetivo foi ficar a conhecer melhor cada um dos alunos, o contexto de onde provêm e os seus gostos e práticas extracurriculares. Com esta estratégia, não só fiquei a conhecer os alunos mais detalhadamente como também construí expectativas e tracei curvas de evolução para cada

um deles, tal como afirma Rosado (2009): “questionar os alunos sobre a sua vida pessoal, escolar e extraescolar, interesses e problemas, contribui para a relação entre professores e alunos criando condições para alcançar os objetivos educativos.”

Algo que saltou logo à vista foi a imensa competitividade dentro da turma, tendo sido identificado uma fraca cooperação por parte de alguns alunos. Como tal, a disciplina de Educação Física assumiu uma importância redobrada, tal como refere Rosado (2009), “os valores desportivos são valorizados em ambientes desportivos, uma vez que estimula a educação social e cívica, a cooperação e o respeito mútuo”.

Após esta fase de introdução e adaptação, seguiu-se a avaliação inicial. Sobre este período Carvalho (1994) afirma:

O processo de avaliação inicial tem por objetivos fundamentais, diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens que poderão vir a realizar com a ajuda do professor e dos colegas, na aula de Educação Física.

O planeamento desta fase foi uma das primeiras tarefas que realizei no estágio, este momento foi fundamental para que o diagnóstico corresse o melhor possível e assim retirar o máximo de informação possível durante aquelas semanas. Tal como referido anteriormente, o núcleo de estágio optou por construir um protocolo de avaliação inicial com base nos Programas Nacionais de Educação Física e no protocolo de avaliação existente na escola, mas que era incompleto. Em ambos os documentos são apresentados os níveis em Educação Física (introdutório, elementar e avançado) e os critérios necessários para os atingir.

A construção do protocolo revelou ser uma tarefa bastante desafiante, já que a criação de um sistema de registo que fosse rápido e simples de utilizar, mas mesmo assim completo foi difícil e as fichas foram sendo melhoradas ao longo da avaliação inicial. Uma das grandes lacunas do nosso protocolo e da sua aplicação prendeu-se com o fato de não termos avaliado a área dos conhecimentos de uma forma mais formal (teste diagnóstico, por exemplo). Através do questionamento, apenas consegui avaliar alguns alunos e apenas em duas ou três perguntas o que revelou ser pouco para poder estruturar o ano no que toca a esta área da disciplina. No futuro terei de dar mais importância à área dos conhecimentos visto que uma das finalidades expressas nos Programas Nacionais de Educação Física é “promover a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas sociais, no seio dos quais se desenvolvem as atividades físicas” (Jacinto *et al.*, 2001, p.6).

Outra dificuldade ao planear este período prendeu-se com a distribuição das matérias pelas aulas e a quantidade de aulas necessária para avaliar todas as situações em cada matéria. Após diálogo entre os elementos do núcleo, decidi planear as aulas para

que abordasse todas as matérias no período definido para avaliação inicial, tendo em conta que este seria de duas rotações (6 semanas). Outra estratégia foi aproveitar a polivalência dos espaços disponíveis e lecionar aulas politemáticas, para assim aumentar o tempo dedicado para cada matéria. Esta dificuldade deveu-se sobretudo à minha falta de experiência e penso que no futuro não será tão evidente, visto que agora tenho uma melhor noção das matérias e o seu tempo de lecionação.

A utilização de aulas politemáticas trouxe outra dificuldade, devido à minha inexperiência, em termos de controlo da turma e à observação de todos os alunos em todas as situações. Devido ao elevado número de alunos na turma e às diferentes situações a acontecer ao mesmo tempo, senti algumas dificuldades ao início em controlar as ações dos alunos bem como registar a avaliação dos mesmos nas tarefas. As fichas por nós construídas revelaram ser demasiado complexas e tiveram de ser melhoradas, já que durante o período de avaliação inicial deve ser providenciado *feedback*, tal como refere Carvalho (1994) “as aulas do período de avaliação inicial devem ser idênticas às aulas normais de Educação Física, mantendo o mesmo nível de desafio e o objetivo de aprendizagem, não sendo limitadas a situações para examinar os alunos”. No futuro irei realizar o registo mais exaustivo no final das aulas em vez de o fazer durante a sessão, já que com tantos alunos e mais que uma matéria para avaliar a tarefa de avaliar, registar e controlar pode ser complicada.

Terminado o período de avaliação inicial, “o professor está em condições de desenhar, em traços gerais, o plano anual de cada uma das suas turmas e de especificar e operacionalizar a 1ª etapa desse plano.” (Carvalho, 1994). As principais dificuldades na elaboração do Plano Anual de Turma (Anexo F) foram definir a distribuição de matérias e a quantidade de aulas para cada uma e o prognóstico e objetivos para cada grupo. A solução que encontrei foi basear-me no plano anual de atividades do grupo, no balanço da avaliação inicial e no *roulement* existente. Assim consegui perceber o número de aulas por espaço disponível, bem como as matérias definidas como prioritárias e consequentemente com mais aulas.

O plano anual de turma deverá, segundo Jacinto *et al* (2001, p.26):

Considerar a organização geral do ano letivo em etapas, ou seja, em períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem. Estas etapas devem assumir características diferentes, ao longo do ano letivo, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções do professor. Ao preparar cada uma das etapas, considerando as suas características genéricas (revisão/consolidação, prioritariamente novas aprendizagens, etc.), a definição das prioridades e a formação de grupos deve

permitir a realização do nível estabelecido para cada matéria nesse ano, dedicando-se mais tempo de prática apropriada nas matérias em que o aluno revela mais dificuldades. É a altura do professor estimar o número de unidades de ensino (conjunto de aulas com objetivos e estrutura organizativa idênticos) que progressivamente operacionaliza, decidir sobre a estratégia de composição dos grupos que lhe parece mais adequada, sobre as atividades de aprendizagem que irá propor aos seus alunos e os momentos em que pensa recolher as informações necessárias ao ajustamento do processo (avaliação).

Como tal, o ano foi dividido em três etapas que corresponderam a cada um dos períodos – 1º período foi a etapa de introdução (Anexo G), 2º período foi etapa de aprendizagem e desenvolvimento (Anexo H) e o 3º período foi o de revisão e consolidação (Anexo I), cada etapa foi dividida em unidades de ensino com o ano letivo a ter ao todo dez unidades de ensino.

Com os resultados da avaliação inicial e analisando os níveis dos alunos nas diversas matérias, tive necessidade de formar grupos de nível, constituídos deliberadamente por alunos com o mesmo nível de capacidades (grupos homogêneos). Utilizei este modo de organização durante grande parte do ano letivo, assim pude diferenciar o ensino, adaptar as tarefas ao nível dos alunos e definir objetivos para cada grupo. No entanto, no último período comecei a introduzi grupos heterogêneos, já que queria promover o espírito de ajuda e cooperação entre os alunos, fazendo com que os mais fortes ajudassem os alunos com mais dificuldades a evoluir. Considero que no meu futuro profissional a criação de grupos de nível será uma mais-valia na leção de desportos coletivos, para o professor e para os alunos, uma vez que permite a diferenciação de ensino, de modo a colmatar individualmente as dificuldades dos alunos

Nas primeiras aulas deparei-me com dificuldades ao nível da organização, da diferenciação do ensino e no acompanhamento da ação (*feedback* e posicionamento). Segundo Teixeira & Onofre (2009), os professores estagiários referem a organização como uma maiores dificuldades no seu período de formação inicial e os orientadores afirmam que a diferenciação de ensino é outra das principais barreiras. Refletindo sobre os pontos fortes e fracos de cada aula, juntamente com os meus colegas e com a orientadora e ir trabalhando no planeamento permitiu-me melhorar e ultrapassar as barreiras encontradas nestas primeiras aulas. Com estas dificuldades desenvolvi também a capacidade de adaptar-me às circunstâncias da aula, já que apesar de um bom planeamento nem tudo pode ser previsto e o professor deve ter facilidade em modificar tarefas ou grupos para adequar as situações. Esta capacidade de adaptação pode ainda ser muito mais desenvolvida, no entanto acho que isso se deve à pouca experiência de ensino e que com

o passar dos anos irei melhorar nesta competência. Os estagiários inquiridos por Teixeira & Onofre (2009) também colocaram a falta de experiência como uma das principais causas para as suas dificuldades.

Ainda antes de terminar a primeira unidade de ensino após a avaliação inicial, comecei a aperceber-me que o diagnóstico que tinha feito não tinha sido o mais acertado em alguns casos, o que influenciou também o próprio prognóstico. Durante as primeiras aulas verifiquei que tinha sido demasiado ambicioso com alguns alunos no seu prognóstico e que muito provavelmente estes não evoluiriam tão rápida e linearmente como planeado. No entanto, o planeamento é flexível e prontamente corriji o plano anual de turma reduzindo o nível previsto e simplificando os objetivos. Como nunca tinha feito um planeamento deste género foi complicado prever onde os alunos poderiam chegar, embora agora tenha uma melhor noção das curvas de evolução possíveis. Apesar da minha dificuldade em definir objetivos terminais de ano, os objetivos intermédios foram mais fáceis de definir e foram esses objetivos que fui adiantando ou atrasando para conseguir que todos os alunos chegassem aos objetivos previstos.

Uma parte bastante importante da aula é a instrução inicial, segundo Mesquita & Graça (2009), esta deve:

Auxiliar o professor a aceder ao que os alunos retiveram e compreenderam da aula anterior; permitir ao aluno recordar a matéria previamente abordada, no sentido de ser capaz de estabelecer a relação entre o que aprendeu e o que irá aprender de novo ou mesmo, o que vai consolidar do já abordado; estabelecer no imediato um clima propício para a aprendizagem, motivando os alunos para as tarefas

Esta foi uma fase da aula que dei sempre extrema importância, já que mesmo quando existiram atrasos, considerei sempre muito importante haver um momento formal de início da aula, para que os alunos se motivassem para a tarefa. Além disso foi nesse momento que transmiti conteúdos mais teóricos sobre as matérias e expliquei as tarefas de cada aula. No entanto, houve aulas em que este período foi demasiado extenso o que não só retirava tempo de prática, mas também dispersava a atenção dos alunos, já que estes a partir de algum tempo já não estão focados, por isso é que este momento deve ser rápido e a informação transmitida deve ser a essencial e de forma a captar a atenção dos alunos. (Siedentop, 1991 citado por Rosado & Mesquita, 2009). No futuro terei de planear melhor as informações que quero transmitir e como fazê-lo, escolhendo apenas a informação pertinente e essencial, para assim aumentar o tempo de prática.

Também no período de instrução, uma estratégia que utilizei com frequência foi a utilização dos alunos como agentes de ensino, participando na demonstração das tarefas.

Assim consegui captar melhor a atenção dos alunos, já que, segundo Onofre (1995) o grau de retenção de informação visual é superior à utilização apenas da informação verbal. Outra forma dos alunos participarem nas aulas foi escolher um aluno diferente em cada aula para dar o aquecimento geral à turma, assim promovi a autonomia e a importância desta fase na prática de qualquer atividade física. A utilização dos alunos como agentes de ensino, permitiu que os outros alunos se motivassem e se empenhassem nas tarefas para também eles poderem vir a demonstrar.

No acompanhamento das tarefas, o *feedback* pedagógico é, segundo Quina, Diniz e Carreiro da Costa (1995), “dos comportamentos de ensino do professor o mais influente na aprendizagem dos alunos” (...). Este comportamento reveste-se de dupla importância, já que segundo os mesmos autores, “para além da função informativa, o *feedback* cumpre, também, uma função de reforço”. Isto significa que ao transmitir uma informação após a ação do aluno, o professor tem a possibilidade de modificar a motivação do aluno em relação à tarefa. Este foi um dos aspetos que dei maior importância nas minhas aulas, tentando dar o máximo de *feedback* positivo em detrimento do negativo, com o objetivo de manter os alunos motivados em relação às tarefas.

Outra das preocupações que tive ao longo do ano foi tentar variar os tipos de *feedback*. Este pode variar no objetivo, isto é, ser descritivo, prescritivo, avaliativo e interrogativo. As três primeiras formas foram as mais utilizadas ao longo do ano, o prescritivo serviu para informar os alunos daquilo que tinham que melhorar e como realizar a tarefa, o descritivo teve como função mostrar aos alunos o que estavam a fazer mal para assim perceberem o erro e onde melhorar e o avaliativo foi utilizado com o intuito de motivar os alunos.

Considero que deveria ter utilizado mais *feedback* interrogativo, porque este tipo promove o raciocínio do aluno, fazendo com que este analise o seu movimento referindo os pontos fortes e fracos e aquilo que tem de mudar. O *feedback* pedagógico pode também assumir diferentes formas – quinestésico, auditivo, visual e misto. Todos foram usados com bastante frequência ao longo das aulas, à exceção do quinestésico. Este último deveria ter sido mais utilizado especialmente na matéria de ginástica, já que a manipulação permite aos alunos perceber o erro e também aumentar a segurança da tarefa. No futuro terei que estudar mais para perceber de que forma poderei providenciar *feedback* quinestésico nas matérias, já que acho que não o utilizei com muita frequência por não estar tão confortável nesse aspeto.

Outra característica própria do *feedback* é a direção, esta pode ser individual, para o grupo ou para a classe. Neste aspeto houve uma evolução positiva ao longo do ano, já que

no início centrei-me muito na direção individual, mas ao longo do tempo fui variando e aumentando a quantidade de *feedback* para o grupo, continuando a faltar mais informação direcionada à classe. Isto porque muitas vezes a informação é pertinente para mais que um aluno ao mesmo tempo e assim posso rentabilizar melhor o meu esforço na aula.

Ainda relativamente ao acompanhamento das tarefas, uma das dificuldades que senti no início do meu processo de estágio foi o controlo à distância, porque concentrava-me em demasia na estação em que estava. Esta falha de atenção fez com que por várias vezes ocorressem comportamentos desviantes noutras estações, já que os alunos não sentiam a minha presença. Esta dificuldade foi sendo superada ao longo do ano através da melhoria no meu posicionamento durante a aula, bem como a atenção dada a toda a aula. No futuro, terei de ter mais atenção ao acompanhamento à distância já que turmas grandes como a que eu tive necessitam de uma atenção mais distribuída, especialmente se os comportamentos desviantes forem comuns.

Um último ponto relativo ao acompanhamento da tarefa que, apesar da evolução ao longo do ano, ainda pode melhorar mais no futuro é o fecho do ciclo de *feedback*. Rosado & Mesquita (2009) definem o *feedback* como “um comportamento do professor em reação à resposta motora do aluno”, portanto é fundamental que o professor perceba se a informação transmitida provocou uma alteração no comportamento do aluno, tal como esperado. Este foi um dos aspetos que em que tive mais dificuldades, porque cada vez que transmitia um *feedback*, surgia outra situação que chamava a minha atenção e não me permitia fechar o ciclo. Em situações futuras, terei de encontrar estratégias para me permitir fechar o ciclo mais vezes. Utilizar o ensino por vagas e o estilo por comando podem ser boas opções porque me dão um controlo mais apertado da turma, não sendo necessário dispersar a atenção.

Com o decorrer do ano letivo, o planeamento e a minha abordagem às tarefas sofreram modificações ponderadas com vista ao cumprimento dos objetivos, um dos processos que orientou estas alterações foi a avaliação formativa ou avaliação formativa alternativa (Fernandes, 2006). Este tipo de avaliação deve “permitir conhecer bem os saberes, as atitudes, as capacidades e o estágio de desenvolvimento dos alunos, ao mesmo tempo que deve proporcionar-lhes indicações claras acerca do que é necessário fazer a seguir” (Fernandes, 2006). Ao ir comparando o nível dos alunos nas aulas com os objetivos definidos nas unidades de ensino e planos de etapa, ficava com a noção da distância a que estes estavam de cumprir os objetivos estabelecidos e qual o caminho a seguir.

Uma das principais lacunas e dificuldades da minha ação nos primeiros tempos do estágio, foi conseguir tornar o processo de avaliação formativa num processo mais formal e coerente com aquilo que são os pressupostos desta avaliação, visto que os alunos não tinham conhecimento da evolução do processo. No seguimento desta ideia, Biggs (1998) (Citado por Fernandes, 2006) afirma que “só poderemos dizer que uma avaliação é realmente formativa se os alunos, através dela, se consciencializarem das eventuais diferenças entre o seu estado presente relativamente às aprendizagens e o estado que se pretende alcançar”. Uma estratégia que poderei no futuro será distribuir aos alunos fichas com as informações recolhidas da avaliação formativa e dar-lhes a conhecer os objetivos terminais de cada etapa, para que assim tenham a noção do que lhes é exigido e aquilo que têm de fazer para os cumprir.

Outra dificuldade na avaliação formativa prendeu-se com a forma e o momento de registar as informações que advinham da observação das aulas. Com trinta alunos, senti necessidade de registar a avaliação de todos os alunos visto que não queria correr o risco de negligenciar a avaliação e consequentemente a regulação do processo de ensino-aprendizagem. Então e juntamente com os colegas de estágio criámos uma ficha tipo (Anexo J), para na última aula de cada unidade de ensino avaliarmos todos os alunos de forma mais formal e registar as observações. Esta ficha foi adaptada da ficha de registo do protocolo de avaliação inicial e resultou muito bem nas matérias de ginástica, patinagem e voleibol. No entanto, não resultou tão bem nas restantes modalidades, isto porque, o momento em que comecei a utilizar estas fichas coincidiu com um aumento dos comportamentos de indisciplina dentro da turma (em todas as disciplinas) o que não me permitiu estar tão concentrado no registo de informação por ter de intervir nas questões de indisciplina, outra razão prendeu-se com as tarefas em si, porque enquanto na ginástica os alunos vão realizando as tarefas um de cada vez e de uma forma organizada, no futebol e andebol, por exemplo, estes já estavam a realizar tarefas de jogo reduzido e com mais elementos ao mesmo tempo, o que torna mais difícil avaliar, registar, providenciar *feedback* e ainda gerir as restantes situações características de uma aula com trinta alunos. Refletindo sobre o problema e olhando para a literatura, se os alunos tivessem participado no processo de avaliação e se estivessem cientes da importância deste, então esta avaliação poderia ter corrido ainda melhor. No futuro, terei de incluir mais os alunos no processo de avaliação, para que eles se sintam parte integrante do processo de ensino-aprendizagem e terei de procurar formas de conseguir avaliar todos, diluindo os momentos de avaliação em mais que uma aula, em vez de os concentrar todos numa aula, por exemplo.

Um dos aspetos mais importantes numa aula e que contribui largamente para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem é o clima relacional, este clima comporta os climas professor-aluno, aluno-tarefa e aluno-aluno. Para uma boa relação professor-aluno, o professor deve conhecer bem os seus alunos e para isto o trabalho desenvolvido na área 4 permitiu-me conhecer melhor os alunos, isto porque estive com os alunos para além das aulas e porque ao realizar o estudo de turma, fiquei a perceber as relações sociais existentes na turma, tudo isto permitiu-me perceber os traços de cada um dos alunos e assim poder intervir melhor junto deles de forma a promover o clima relacional.

No que diz respeito ao clima aluno-tarefa, o professor deve mostrar-se preocupado com os seus alunos, perceber se estes estão motivados para a aula e com as tarefas propostas, deve transmitir expectativas positivas aos alunos, incentivá-los e mostrar que são capazes de realizar as tarefas, mesmo quando referem que não conseguem. Onde me apercebi mais desta relação foi nas aulas de ginástica em que nas tarefas que envolveram maior risco, como o minitrampolim, a trave ou o boque em que alguns alunos mostravam grande receio e isso impedia-os de realizar as tarefas. Para este problema a solução encontrada foi a motivação verbal e a desconstrução da tarefa em tarefas mais simples, para que os alunos perdessem o medo e percebessem que eram capazes de realizar a tarefa. No extremo oposto, por vezes tive de dificultar as tarefas para que estas representassem um desafio para os alunos, porque não sendo suficientemente desafiante, a tarefa não motiva o aluno.

Nas relações aluno-aluno, por vezes tive alguns problemas nas aulas, já que ao longo do ano foram visíveis algumas lacunas no espírito de turma e cooperação, principalmente entre os rapazes. Estes problemas surgiam essencialmente nas situações mais competitivas, devido ao espírito competitivo muito presente em alguns rapazes o que por vezes levou a comportamentos inadequados, tal como por exemplo, no jogo de apuramento para o torneio inter-turmas de Badminton em que um dos (melhores) alunos após vencer o jogo, lançou-se aos saltos em direção ao colega a gritar “Toma! Toma!” e acabou por derrubar as redes de todos os campos. Este tipo de comportamentos não são adequados a uma aula de Educação Física, visto que um dos objetivos gerais presentes nos Programas Nacionais de Educação Física (Jacinto *et al*, 2001) refere que os alunos “devem relacionar-se com cordialidade e respeito pelos seus companheiros, quer no papel de parceiros quer no papel de adversários”. Nesta situação em concreto, não permiti que o aluno em questão representasse a turma no torneio, fazendo toda a turma ver que não é este o espírito que deve vigorar numa turma. Uma ação que considero que tenha sido benéfica para a união da turma foi a visita de estudo realizada à Serra de Sintra e aí os

alunos colaboraram imenso uns com os outros e tiveram bastante tempo para conviverem sem a rotina normal de um dia de aulas. Considero que no futuro, a realização de ações do gênero poderão promover o espírito de cooperação e união dentro de uma turma.

No geral considero que tenha conseguido estabelecer um clima muito positivo com os alunos da turma. Durante as aulas dei *feedback*, motivei e ajudei os alunos a cumprir as tarefas. Para além disso tentei estar próximo dos alunos para que estes sentissem confiança em mim e me respeitassem mais. Mais uma vez o trabalho da área 4 permitiu-me estar melhor aqui, já que ao longo do ano fui desenvolvendo uma relação com os alunos que ia para além de dar as aulas de Educação Física, mas também acompanhá-los no seu trabalho nas outras disciplinas, como por exemplo os alunos que estavam em vias de reprovar e tentei acompanhá-los mais de perto, perguntando pelos testes, definindo objetivos no sentido de motivá-los. Estas ações estreitaram a minha relação com os alunos, promovendo um bom clima professor-aluno nas aulas.

Fora das aulas, também é importante referir que a minha integração na comunidade escolar foi rápida e adequada. Para isso contribuiu a orientadora, que nos primeiros dias fez questão de nos apresentar toda a escola, as suas rotinas e as pessoas que lá todos os dias trabalham. Outro fator preponderante para a minha relação com todos os atores da comunidade escolar foi o trabalho desenvolvido nas áreas 2 e 3, que fez com que conhecesse e trabalhasse com outras pessoas da escola para além daquelas presentes no grupo de Educação Física. No futuro, irei continuar a valorizar as relações com os restantes professores e comunidade escolar, já que uma boa cooperação entre todos os elementos dessa comunidade só trará benefícios para todos.

No final de cada aula dediquei alguns momentos para fazer uma revisão e reflexão sobre o que tinha sido a aula e o que seriam as próximas. Aqui aproveitei também para realizar questionamento para verificar se as informações transmitidas durante a aula tinham sido compreendidas. Segundo Rosado & Mesquita (2009):

O momento final das aulas tem uma função de revisão ou consolidação das aprendizagens, ou seja, rever o essencial das aprendizagens da aula, quer por instrução ou por questionamento, com o intuito de se verificar a compreensão dos aspetos mais importantes, dirigindo *feedbacks* individuais e coletivos sobre as questões de aprendizagem e de trabalho conjunto.

Foi exatamente isto que tentei aplicar nas minhas aulas, fazendo ver aos alunos aquilo que tinham atingido e o que tinham a melhorar nas aulas seguintes. No entanto, tive algumas dificuldades em gerir o meu tempo de aula, o que prejudicava especificamente este momento. Com melhor planeamento e com o ganho de experiência fui aprendendo a gerir o meu tempo, sem comprometer todos os momentos da aula.

No que concerne ao controlo e prevenção da disciplina, considero que houve bastantes experiências diferentes ao longo do meu processo de estágio. Numa fase inicial, devido ao bom clima com os alunos, os casos de indisciplina foram raros e facilmente controlados, no entanto, no final do primeiro período os alunos começaram a evidenciar comportamentos desviantes mais frequentes e intensos, não só na minha aula como também noutras disciplinas. Esta mudança de comportamento verificava-se não só durante a aula como também nas entradas e saídas do pavilhão ou na cada vez maior falta de pontualidade.

Durante estes tempos e, incluído no meu trabalho de área 4, comuniquei várias vezes com os outros professores, que também se queixavam da crescente indisciplina da turma, tendo inclusive sido o principal ponto falado no conselho de turma intercalar a meio do segundo período. Foi nesse momento que decidi implementar estratégias com o objetivo de prevenir os comportamentos disruptivos e diminuir a indisciplina nas aulas, já que segundo Renca (2008) “as causas da indisciplina ultrapassam o universo dos alunos e centram-se, por vezes, na atuação dos próprios professores (...)”. Como tal, existem duas estratégias que foram fundamentais para a resolução dos problemas, a primeira foi gerir os grupos de trabalho, não com o intuito de adaptar às tarefas, mas sim de separar os alunos identificados como causadores dos problemas e a outra estratégia foi atribuir maior autonomia e responsabilidade aos alunos definindo todas as aulas um líder por grupo. Os primeiros líderes foram os alunos mais bem comportados e responsáveis, no entanto fiz ver a toda a turma que qualquer um podia ser escolhido desde que mostrasse empenho e responsabilidade, isto fez com que houvesse uma grande melhoria no comportamento dos alunos durante as aulas.

Tal como observado por Teixeira & Onofre (2009) com outros estagiários, houve um aumento das dificuldades com a disciplina do primeiro para o segundo período, mas com o terceiro período a marcar uma diminuição dessas mesmas dificuldades. Considero que em casos futuros terei de saber adaptar-me e encontrar estratégias para resolver os problemas que possam surgir, no entanto, o melhor está em trabalhar na prevenção desses mesmos comportamentos, tal como refere Renca (2008), “o professor como organizador da aula é o principal responsável pela prevenção da indisciplina, através da ação educativa”.

A avaliação sumativa foi realizada no final de cada período e segundo Rosado & Silva (2010) esta “fornece um resumo da informação disponível, procede a um balanço de resultados no final de um segmento extenso de ensino”. No entanto, a meio do primeiro e do segundo período foi também feita uma avaliação sumativa, mas de carácter qualitativo e

intercalar, já que tal como Rosado & Silva (2010) referem, a avaliação sumativa não se pode esgotar na classificação, podendo ser qualitativa ou quantitativa.

Esta avaliação sumativa no final de cada período foi feita com base nos critérios de avaliação (Anexo K) definidos pelo grupo de Educação Física adaptados dos programas nacionais. No final de cada período, os alunos foram sujeitos a autoavaliação, com isto pretendi incluí-los no processo de avaliação para que cada aluno percebesse onde estavam os seus pontos fortes, os pontos fracos e como teria de melhorar. No futuro continuarei a realizar este balanço na última aula de cada período, para que os alunos possam saber o que têm de fazer para atingir os objetivos propostos e que objetivos ainda estão por atingir.

No último período, aproveitei para observar os alunos em situações de jogo mais formais para que eles tivessem oportunidade de aplicar os conhecimentos aprendidos anteriormente. Este período correspondeu à etapa de revisão e consolidação do planeamento. Nesta etapa aproveitei também para trabalhar o atletismo que ainda tinha sido pouco trabalhado.

Uma iniciativa que destaco neste período foi a visita de estudo realizada à Serra de Sintra, nesta visita os alunos tiveram possibilidade de experimentar desportos de natureza como a escalada e o rapel e realizaram um percurso pedestre pela serra. Estas são matérias alternativas, que devem ser desenvolvidas sempre que as condições envolventes à escola o permitam e espero no futuro continuar a desenvolver este tipo de matérias. Esta atividade foi importante para a minha formação, na medida em que pude perceber todos os processos inerentes à organização e logística de uma visita de estudo, desde o pedido ao Conselho Pedagógico até à reserva de autocarros.

No que diz respeito às observações realizadas aos meus colegas e orientadora, usámos uma ficha de observação (Anexo L) adaptada da disciplina de Educação Física II do ano anterior. Esta ficha contempla oito categorias – instrução e questionamento, aquecimento, controlo da prática e indisciplina, valor das atividades propostas, *feedback*, utilização dos alunos como agentes de ensino, organização geral e encerramento. Em cada aula observada foram feitos os registos das informações em cada categoria. No final de cada aula, também era feito um balanço entre o núcleo e a orientadora com todos a discutirem pontos fortes e fracos da aula e sugerir quais as estratégias para melhorar nas aulas seguintes. Estas reuniões foram muito importantes para conseguirmos evoluir ao longo do ano e para perceber onde estavam a ser cometidos os erros e como corrigi-los. O papel dos colegas estagiários e dos orientadores é também reconhecido na bibliografia, com o estudo de Teixeira & Onofre (2009) a mostrarem isso mesmo. Embora no futuro não

venha a ter orientadores, continuarei a dar importância à partilha de experiências e à troca de informações com outros colegas, já que esse é um dos objetivos dos Departamentos que compõe as escolas.

Durante uma semana tive oportunidade de experimentar o trabalho de um professor com horário completo lecionando aulas a turmas dos quintos, sextos, sétimos e nonos anos. O papel dos professores de cada turma foi importantíssimo, já que foram eles que permitiram o enquadramento no processo de cada turma, informando quem seriam os alunos mais difíceis, qual o nível da turma, como outras informações. Desta semana, um dos principais ganhos que retiro prendem-se com a vivência diária de se dar 3, 4 ou mais aulas num dia. Isto ainda acrescenta mais importância ao planeamento, já que com muitas turmas não podemos estar a planear entre as aulas, porque não temos muito tempo disponíveis. A adaptação feita na abordagem e nas tarefas entre anos de escolaridade também era uma característica que não tinha presente, mas após lecionar a turmas do quinto e sexto ano e comparando com as do nono, apercebi-me dessas diferenças.

Nas faixas etárias mais baixas, as questões e rotinas de organização e gestão assumem maior importância, porque os alunos ainda não estão tão habituados ao nível de ensino. O tempo necessário para a evolução dos alunos também é bastante diferente entre os alunos do segundo e terceiro ciclos, como tal o planeamento também tem de se adaptar a estas diferenças, visto que o professor não pode ser tão ambicioso com os alunos mais novos. A minha experiência na área 3, no núcleo de Patinagem, ajudou-me nestas aulas já que grande parte dos alunos pertencentes ao núcleo de desporto escolar são alunos de segundo ciclo, como tal já tinha uma noção de como era trabalhar com esta faixa etária.

Uma experiência que também me marcou no processo de estágio foi uma aula de primeiro ciclo lecionada na Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de Ouressa. Nesta aula, levei os alunos da minha turma para que fossem eles a ajudar-me na aula. Anteriormente tinha dividido a turma em cinco grupos, onde cada grupo ficou responsável por uma estação, criando e gerindo a tarefa correspondente. Esta iniciativa revelou ser um grande sucesso, tanto para os alunos do 7º ano como para os alunos do 3º, já que houve um intercâmbio que não é habitual. Aqui o fato de ter realizado o estágio num agrupamento, facilitou este intercâmbio já que a direção da escola e a coordenação do 1º ciclo revelaram uma excelente articulação.

4. Área 2 – Inovação e Investigação Pedagógica

Na área 2, era requerida a realização de um trabalho de investigação-ação, identificando um problema na escola pertinente de ser estudado. O trabalho desta área foi realizado em conjunto pelos elementos do núcleo de estágio.

A primeira fase deste trabalho foi identificar o problema a ser estudado. O objetivo aqui foi encontrar um problema existente na escola e que através do estudo pudessemos encontrar propostas para a resolução desse problema, deixando sugestões de ações a realizar na escola. Esta identificação foi bastante rápida, já que o problema foi prontamente identificado – Educação Especial. Após uma análise do projeto educativo da escola e em conversa com alguns professores, apercebemo-nos de que a educação especial tem um papel bastante relevante na escola. Outro fator revelador da importância que a escola dá a estes alunos é o investimento realizado para prover a escola de instalações capazes de receber alunos com necessidades tão específicas como alunos com paralisia cerebral ou Trissomia XXI. Só na escola-sede do agrupamento existem três unidades específicas para lidar com estes alunos.

Após definirmos o tema, foi necessário especificar o problema que iria ser estudado de forma mais específica. Para esta situação tivemos a colaboração de alguns professores do grupo de Educação Física que contribuíram com ideias e experiências passadas e muitas dessas experiências revelavam dificuldades em gerir a inclusão de alunos da educação especial nas suas turmas do ensino regular, como tal decidimos que esse iria ser o problema do nosso estudo. No entanto, após conversa com uma das professoras de uma das unidades de educação especial, esta fez-nos ver que uma das grandes barreiras ao trabalho delas na escola estava na atitude dos encarregados de educação em relação à inclusão, então reformulámos o problema, passou de ser apenas a opinião dos professores para incluir a dos encarregados de educação e dos próprios alunos do ensino regular.

Após a escolha do tema – percepção dos professores, encarregados de educação e alunos acerca da inclusão dos alunos da educação especial, o passo seguinte foi formular um projeto (Anexo M) que permitisse orientar o trabalho de investigação. Como forma de facilitar e rentabilizar este passo, realizámos o projeto de investigação na disciplina de Investigação Educacional, que tinha como tarefa a concretização de um projeto de investigação.

A formulação das respetivas hipóteses teve como objetivo podermos comparar dois grupos dentro de cada amostra: aqueles que tinham um contato regular com os alunos da educação especial e aqueles que não tinham esse contato. Pretendíamos então perceber quais eram as opiniões de ambos os grupos em cada uma das amostras em relação à inclusão dos alunos da educação especial nas turmas do ensino regular.

Na pesquisa bibliográfica deparámo-nos com as primeiras dificuldades, já que embora haja muita literatura relativa à percepção dos professores, não existe assim tanta

relativa a pais de alunos do ensino regular ou alunos do ensino regular e nós queríamos de ambos os grupos. Como tal, recorremos à ajuda de professores da área da inclusão e da reabilitação psicomotora da FMH para nos guiarem na pesquisa, o que nos ajudou a encontrar algumas teses utilizadas na revisão bibliográfica, mas ainda mais importante, encontrámos os questionários que viriam a ser aplicados à nossa amostra.

Com a contextualização, problemática e metodologia definidas, o passo seguinte foi aplicar os questionários aos professores, pais e alunos. Aqui prevíamos dificuldades em aplicar os questionários aos encarregados de educação, já que um dos problemas desta escola é a fraca participação dos pais na vida escolar (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro, 2011). Mas foi logo na aplicação dos questionários aos professores que apercebemos que esse questionário não fornecia os resultados necessários à nossa investigação, para solucionar isso voltámos a pesquisar na bibliografia por questionários validados para voltar a aplicar.

Após aplicarmos aos professores (Anexo N) e aos alunos (Anexo O), tivemos dificuldades tal como esperado com os questionários aos encarregados de educação (Anexo P). Como tal acabámos por recolher menos questionários que aqueles que estavam previstos, mas ainda assim os suficientes para a investigação.

Esta fase do estudo ficou também marcada pelas dificuldades em conciliar as tarefas desta área com as restantes tarefas inerentes ao período de estágio, o que fez com que nos atrasássemos em relação ao previsto, levando mais tempo a aplicar questionários.

Feita aplicação dos questionários, passámos à fase de tratamento de dados através do *software* IBM Statistics 22.0. Neste processo tivemos algumas dificuldades, já que os nossos conhecimentos relativamente a este programa eram limitados, como tal contámos com o apoio do orientador de faculdade e também de um professor da FMH. Considero que esta fase poderia ter sido mais fácil se tivéssemos algum tipo de preparação prévia para fazer este tipo de tarefas.

Tratados os dados, foi feita a comparação dos mesmos com a bibliografia previamente estudada e aqui apercebemo-nos de que nos alunos e nos pais, as reflexões feitas não eram suficientemente enriquecedoras o que nos levou a procurar mais artigos que pudessem acrescentar algo às nossas comparações.

De seguida, era altura para olhar para as hipóteses previamente formuladas e verificar se estas tinham sido comprovadas ou não. A primeira hipótese – “os professores das turmas com alunos da Educação Especial revelam uma perceção mais positiva que os professores de turmas sem alunos da Educação Especial” não foi comprovada, visto que não existiram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, no entanto foi

possível perceber que, de uma maneira geral, os professores inquiridos revelaram uma percepção positiva em relação à inclusão dos alunos da educação especial. Estes resultados foram de encontro aqueles verificados nos estudos de Marcos (2009) e Rodrigues (2012) e correspondem à visão do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro (2011). Verificámos também que os professores por nós inquiridos revelaram uma percepção mais positiva que os professores participantes no estudo de Cagney (2009).

No que diz respeito à segunda hipótese – “os encarregados de educação de turmas com alunos com deficiência revelam uma percepção mais positiva do que os pais de turmas regulares”, esta também não foi comprovada pelas mesmas razões da hipótese anterior. No entanto, conseguimos perceber que todos os encarregados de educação consideram importante a relação escola/família para o sucesso dos alunos da educação especial, tal como verificado por Souza (2011).

Por fim, a terceira hipótese – “Os alunos de turmas com alunos da educação especial têm uma percepção mais positiva que os alunos de turmas sem alunos da educação especial” não foi também confirmada. No entanto, e tal como os professores, observámos uma ligeira diferença entre os alunos que conviviam diariamente com os alunos da educação especial e aqueles que não tinham como colegas alunos da educação especial. Estas diferenças também foram encontradas por Rosa (2010), Souza (2011) e Tessaro, Waricoda, Bolonheis & Rosa (2005).

Ao olharmos para os nossos resultados e as respetivas reflexões, decidimos acrescentar ao nosso trabalho (Anexo Q) algumas sugestões com vista a melhorar a percepção da comunidade escolar em relação à inclusão dos alunos da educação especial nas turmas regulares. Essas sugestões foram muito específicas e foram divididas por cada um dos grupos. Uma das conclusões que retirámos foi que grande parte dos professores não se sentia preparado para lidar com a inclusão de alunos da educação especial, como tal deixámos a ideia de realizar ações de formação que permitissem aos professores da escola adquirir ferramentas e conhecimentos para saberem gerir melhor os desafios que a inclusão traz e assim melhorarem o processo de ensino-aprendizagem. Para os alunos foi sugerido um aumento de oportunidades de convivência entre os alunos do ensino regular e os da educação especial, dentro das aulas e fora delas, já que o contato regular com os alunos da educação especial melhora a percepção dos alunos do ensino regular. Por fim, para os pais foi colocada a hipótese de realizar ações de sensibilização e divulgação sobre os benefícios e pressupostos da inclusão na escola, para que os pais possam ser esclarecidos sobre dúvidas e medos que tenham e assim perceber onde podem intervir, já

que uma aproximação da família à escola promove o sucesso junto dos alunos da educação especial (Souza, 2011).

Uma das tarefas correspondentes a esta área é a realização de uma sessão de apresentação (Anexo R) dos resultados do estudo de investigação à comunidade escolar. Dado o tema trabalhado e por sugestão da orientadora, decidimos utilizar esta sessão como uma forma de também sensibilizar a comunidade escolar para os problemas da inclusão das pessoas com deficiência na escola e na sociedade em geral. Para tal convidámos duas pessoas com deficiência, da comunidade escolar, que pudessem partilhar as suas experiências de forma a enriquecer a nossa sessão. Após a sessão e respetivo debate aplicámos uma ficha de avaliação (Anexo S) para que pudessemos ter um *feedback* da nossa apresentação e as opiniões foram todas positivas.

A realização deste trabalho permitiu-me conhecer de forma mais aprofundada o tema da inclusão escolar e todas as suas características. Esta é uma temática que cada vez mais marca o quotidiano dos professores, visto que é requerido a estes que incluam alunos com necessidades tão específicas em turmas de 30 alunos o que traz desafios para os quais se calhar os professores não estão preparados. Através da discussão apercebi-me também que podemos levar este problema para fora da sala de aula e da própria escola, já que a própria sociedade ainda tem de desenvolver mais esforços para incluir condignamente as pessoas com deficiência. E esses esforços têm de passar também pela Escola, porque ela é um espaço privilegiado para a transmissão de valores e para a sensibilização das gerações futuras.

Considero que a principal dificuldade deste trabalho foi conciliar as diferentes tarefas que lhe eram inerentes com todas as outras tarefas de estágio, isto fez com que fosse difícil cumprir os prazos previamente estabelecidos para as várias fases do trabalho. Na apresentação, podia ter tido um papel mais interventivo, tentando trazer algumas das ideias da literatura para a discussão. A divulgação também foi negligenciada, o que fez com que a plateia tivesse menos pessoas que o pretendido, principalmente no que toca aos alunos que eram o principal alvo da sensibilização, no entanto é de realçar a presença do diretor da Escola e de um elemento da Direção Regional de Educação que deram um excelente contributo à discussão.

Embora este ano não tenha tido alunos da educação especial na minha turma, nem nas turmas que lecionei na semana do professor a tempo inteiro, considero que os conhecimentos adquiridos ao longo do trabalho de investigação serão bastante úteis para o futuro tanto nas aulas como fora das mesmas. Para além disso, poderei levar este estudo para outras escolas que não valorizem tanto a inclusão dos alunos da educação especial,

mostrando a importância deste processo para a valorização da escola e sociedade envolvente.

5. Área 3 – Participação na Escola

Esta área abrange várias competências e intervenções que os professores estagiários devem cumprir e concretizar, uma dessas intervenções passava pela coadjuvação num núcleo de desporto escolar na escola.

Segundo o artigo 5º do decreto de lei nº95/91, de 26 de Fevereiro, o Desporto Escolar é:

(...) o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e de ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo

O Programa do Desporto Escolar 2013-2017 (Anexo T) define como missão “proporcionar o acesso à prática desportiva regular de qualidade, contribuindo para a promoção do sucesso escolar dos alunos, dos estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa”

Esta missão e respetivos valores encaixam perfeitamente no projeto educativo da escola e nas suas necessidades, já que sendo esta uma escola TEIP, pressupõe-se que existem muitos problemas socioeconómicos e a oferta gratuita de atividades que desenvolvam valores de cidadania, promovam o sucesso escolar e hábitos de vida saudáveis só traz oportunidades aos alunos para evoluírem e valorizarem-se pessoal e academicamente.

Para o ano letivo de 2013/2014 existiam sete núcleos de desporto escolar: Badminton, Voleibol, Ginástica de Trampolins, Patinagem, Atividades Rítmicas e Expressivas, Natação e Xadrez. Cada professor ficou responsável por um núcleo e os estagiários escolheram que núcleo queriam acompanhar ao longo do ano.

Segundo Teixeira & Onofre (2009), os estagiários apontam a falta de conhecimentos como uma das principais causas para as suas dificuldades durante o estágio, como tal a minha escolha recaiu sobre a modalidade que tinha menor conhecimento e que faz parte integrante do currículo de Educação Física, a Patinagem. Senti que aqui havia uma excelente oportunidade de desenvolver os meus conhecimentos teóricos e pedagógicos nesta matéria, que me permitissem melhorar a minha prática nas aulas de Educação Física tanto durante o estágio (Área 1) como na minha prática futura. Adquirir competências ao nível do planeamento, condução e avaliação das atividades realizadas, conhecer todo o trabalho burocrático que está inerente a um núcleo de

Desporto Escolar e compreender e dominar todo o trabalho que é realizado na organização dos encontros e competições foram os objetivos a que me propus quando escolhi este núcleo para coadjuvar.

O trabalho no núcleo começou logo no início do ano, com a divulgação dos horários e do próprio núcleo. Esta divulgação é feita em conjunto com todos os outros núcleos por forma a rentabilizar melhor este processo. O processo de divulgação foi bastante facilitado pelo fato do Desporto Escolar estar tão enraizado na escola, como tal os alunos preencheram todas as vagas disponíveis em muito pouco tempo.

O núcleo de patinagem contou com duas sessões semanais de 50 minutos cada, realizadas no pavilhão. Os alunos apenas tinham possibilidade de comparecer numa das sessões, como tal os grupos eram diferentes. Os alunos inscritos pertenciam a turmas do 5º, 6º e 7º anos, com alguns alunos a estarem inscritos pela primeira vez, como tal existiam grupos heterogéneos em cada treino.

Realizados os primeiros treinos, foi possível formar em cada dois grupos para cada sessão, um grupo mais forte e um de nível mais inferior. O primeiro grupo trabalharia com o intuito de participar nas competições inter-escolas e o segundo com o objetivo de aprender a patinar e ganhar rotinas que lhes permitissem evoluir dentro da modalidade.

Após conversa com a professora responsável pelo núcleo, percebi que esta modalidade tem características próprias, isto porque esta modalidade está associada a uma instabilidade devido ao fato de serem os patins a base de apoio do movimento. Como tal, é necessário haver uma aprendizagem para que a modalidade possa ser praticada em segurança.

A fase de planeamento apresentou imensas dificuldades, visto que ao longo de todo o ano a composição dos grupos foi-se alterando, visto que assiduidade dos alunos não era a mais regular. Isto fez com que o número de alunos por treino fosse sempre imprevisível – houve sessões com 4 alunos e outras com 17! O fato de não conhecer bem a modalidade e as suas características também dificultou o meu planeamento, então a forma que encontrei para planear foi fazer um planeamento mais lato que tivesse em conta os encontros que ocorreram ao longo do ano e as tarefas a aplicar nos treinos iriam depender dos alunos nelas presentes, havendo um leque de tarefas que poderiam ser aplicadas.

Nas sessões iniciais o grande objetivo foi a aprendizagem das rotinas de organização e de segurança, já que esta modalidade acarreta alguns riscos para aqueles que são novos à modalidade. Estas rotinas passam pelos exercícios de aquecimento, por calçar e descalçar os patins ou montagem de circuitos, por exemplo. No que toca à organização, esta é muito importante porque existem procedimentos estabelecidos no que

respeita à utilização dos patins da escola e os alunos necessitam de aprender a utilizá-los e arrumá-los.

Ao longo do tempo fui procurando estratégias e exercícios para aplicar nos treinos e com o apoio da professora fui ganhando cada vez mais confiança e à vontade na gestão das tarefas e dos alunos. Como tal fui ganhando mais autonomia na condução dos treinos, ficando sempre com o grupo dos alunos que estavam a aprender a patinar.

Com estes alunos as tarefas passavam por primeiramente aprender a cair, depois o equilíbrio estático em cima dos patins evoluindo para os deslocamentos. O trabalho com estes alunos passava muito pela repetição das ações até atingir o sucesso o que implicava que os alunos falhassem e caíssem muitas vezes. Este processo provocou em alguns alunos uma certa desmotivação, que era ainda mais acentuada pelo fato de eles não apresentarem uma regularidade necessária uma evolução mais rápida. Isto fez com o meu *feedback* tivesse de incidir muito na motivação dos alunos para que estes não desistissem nesta que era a fase mais difícil de aprendizagem da matéria. Procurei também estratégias que permitissem variar as tarefas e motivar os alunos a atingir os objetivos.

Ao fim de alguns treinos, tive a possibilidade de assumir um treino sozinho. A sessão correu muito bem e os objetivos foram cumpridos. No final, grande parte dos alunos já tinham aprendido pelo menos uma competência nova, como a águia, avião ou carrinho, por exemplo. Para além disso, introduzi exercícios que eles nunca tinham feito, o que promoveu a motivação e o clima positivo da aula. Esta estratégia veio das minhas aulas, em que ao introduzir exercícios novos notava uma motivação extra e um maior empenho por parte dos alunos.

Uma das coisas mais importantes e surpreendentes que aprendi com a professora, foi que uma das melhores estratégias para ensinar novas competências aos alunos que já dominam o básico da patinagem é organizar tarefas que os distraiam do fato de estarem de patins. O basquetebol, andebol ou hóquei são exemplos dos vários jogos utilizados nos treinos. Competências como as rotações, mudanças de direção ou o equilíbrio com uma perna são exemplos de capacidades que eram desenvolvidas durante os jogos. Como tal, a fase principal dos treinos era geralmente dividida em três momentos: o primeiro com jogos, o segundo com circuitos cronometrados semelhantes aos das competições e no final sempre que havia espaço eram realizadas corridas de velocidade, já que esta era a parte mais difícil de treinar porque requer muito espaço para que os alunos possam fazer as curvas e ganhar velocidade em segurança.

Nos treinos existiu sempre um clima relacional favorável nos três níveis: Professor-Aluno: procurei ajudar sistematicamente os alunos a ultrapassar as suas dificuldades e

motivá-los; Aluno-Aluno: o espírito de grupo era bastante positivo e os jogos utilizados fomentaram o espírito de cooperação; Aluno-Tarefa: embora no início os alunos menos evoluídos evidenciassem problemas de motivação, ao fim de algum tempo conseguimos melhorar essa situação, além disso os alunos mais evoluídos sentiam-se motivados com as tarefas mais competitivas como os circuitos cronometrados e as corridas de velocidade.

O nosso núcleo participou em três encontros de competição – um na Escola Mestre Domingos Saraiva, o segundo na Escola Stuart Carvalhais e o último na própria Escola Ferreira de Castro. Em termos de resultados competitivos, o balanço foi bastante positivo visto que conseguimos vitórias em alguns escalões (dos Infantis A aos Juvenis). O espírito presente nestes encontros foi sempre o de companheirismo e *fair-play*, com todos os professores a ajudarem os alunos sempre que necessário. Nestes encontros tentei ser o mais interventivo possível, tendo desempenhado vários papéis, como o de juiz de percurso ou cronometrista. Estes papéis permitiram-me aprender mais sobre a componente competitiva da modalidade, bem como dos processos de organização de um encontro do Desporto Escolar.

O encontro na Ferreira de Castro foi aquele em que pude colaborar ao máximo, visto que estava à responsabilidade do nosso núcleo. Neste encontro para além da logística normal (montagem de percurso, organização dos alunos, cronometragem e registo) foi necessário fazer um trabalho prévio para elaboração das classificações, já que este era o último encontro, então foi necessário confirmar todos os resultados e pontuações anteriores para estar tudo certo. Para este encontro convidei dois colegas meus, que são jogadores de hóquei em patins para fazerem uma demonstração e dinamizar algumas atividades junto dos alunos no final do encontro. Foi uma iniciativa muito positiva, já que a grande maioria dos alunos não tinham tido qualquer contato com esta modalidade e revelaram grande entusiasmo e motivação na execução dos exercícios, sendo esta uma modalidade intrinsecamente ligada à patinagem. No futuro terei em atenção a possibilidade de trazer pessoas que possam acrescentar as suas experiências às minhas aulas ou treinos, já que assim os alunos podem experimentar modalidades diferentes que de outra forma não teriam possibilidade.

No dia 6 de abril, realizou-se na Marginal de Cascais a atividade “Marginal Sem Carros”, esta atividade estava inserida no dia mundial da atividade física. Foi aqui que foi realizado o último encontro dos núcleos de patinagem do concelho de Sintra, apenas com o objetivo de promover o convívio e proceder à entrega das medalhas aos alunos. Os alunos levaram patins ou bicicleta para poderem fazer o percurso e participar nas várias atividades lá dinamizadas, tais como aulas de *fitness* ou jogos tradicionais, para além dos

alunos foram alguns encarregados de educação acompanhar e participar. No final da atividade realizámos um piquenique na praia de Carcavelos com todas as escolas e fizemos a entrega de medalhas. O meu papel nesta atividade passou por entregar autorizações aos alunos para levarem aos pais, acompanhá-los nas viagens de ida e regresso e acompanhar o grupo dos alunos mais rápidos ao longo do percurso. Foi uma atividade onde senti uma enorme responsabilidade, visto que acompanhava um grupo de alunos num espaço tão amplo e com tantas pessoas.

A experiência de coadjuvação de um núcleo de desporto escolar foi certamente uma das mais enriquecedoras no processo de estágio. Primeiro, porque tive contato com uma modalidade que praticamente desconhecia e que não tinha qualquer tipo de conhecimento pedagógico e ao longo do ano adquiri conhecimentos e aprendi estratégias que apliquei nas minhas aulas de Educação Física e que ficarão para o futuro. Outro aspeto que retenho é a forma como a professora trabalha com os alunos, utilizando jogos que nada têm a ver com a patinagem em si, mas que permitem aos alunos adquirir as competências de forma mais divertida e motivadora. Também considero muito enriquecedoras as vivências nos encontros, onde verifiquei que é possível organizar competições formais com um espírito bastante positivo e de forma bastante pedagógica, promovendo valores de cooperação e superação, tal como definidos pelo Programa do Desporto Escolar 2013-2017. No futuro, tentarei promover este espírito nas competições em que venha a participar e incuti-lo nos meus alunos.

A nossa atividade dinamizadora, requerida pelo Guia de Estágio 2013-2014, passou por uma palestra acerca da inclusão de pessoas com deficiência na sociedade. Esta palestra coincidiu com a apresentação dos resultados do trabalho de investigação da área 2. Para esta palestra tínhamos convidado um elemento representante da Associação Salvador e o P. A., duas figuras públicas que trariam maior impacto à nossa apresentação. No entanto, o P. A. cancelou no próprio dia e o representante da Associação Salvador pediu dinheiro para vir dar o seu testemunho. Como tal a sessão contou com a presença da D. W. (mãe de um aluno e que sofreu um AVC que a deixou hemiplégica) e o P. F. (teve um acidente de carro que o deixou numa cadeira de rodas). Estas duas pessoas vieram dar o seu contributo à discussão e permitiram uma visualização da necessidade que a sociedade tem em incluir pessoas com mobilidade reduzida ou deficiência.

Durante o ano letivo, tive ainda a oportunidade de participar nas várias atividades organizadas pelo grupo de Educação Física, mais especificamente no Corta-Mato, nos Megas e nos torneios inter turmas realizados no final de cada período.

Esta participação foi bastante importante para o meu processo de aprendizagem, já que percebi as várias fases e características destas atividades, como o planeamento, organização e execução e a importância de cada uma delas.

Houve ainda outros dois eventos na escola, nos quais tive um papel ativo: a Feira Quinhentista e as *Ambientalíadas*. Estes dois eventos foram bastante importantes na escola (não havendo aulas inclusive) e o grupo de Educação Física promoveu atividades no sentido de dinamizar ambos os eventos. A Feira Quinhentista foi o evento do ano na Escola, que foi completamente transportada para um período do renascimento e o grupo de Educação Física acabou por ser aquele que mais dinamizou o dia, com imensos jogos da época, como tiro com arco ou derrube de latas, por exemplo.

Um grande desafio foi a chuva que fez com que tivéssemos de trazer tudo para dentro do pavilhão, quando era suposto ter sido no exterior. Tal como nas aulas de Educação Física, tivemos de nos adaptar rapidamente às circunstâncias e improvisar e ainda assim conseguimos que a atividade tivesse um balanço positivo. Nesta atividade colaborei no planeamento, organização, bem como na monitorização de algumas atividades.

O meu envolvimento nestas atividades foi importante para a minha evolução, na medida em que percebi a importância que este tipo de eventos têm para as escolas em que são realizados. Eles permitem a dinamização e valorização da mesma, através de atividades únicas e que promovam bons hábitos entre os alunos (como a preservação do ambiente nas *Ambientalíadas*). Estes eventos permitem ainda uma maior interação e envolvimento com a restante comunidade, tanto a nível institucional (comércio local e instituições locais) como a nível das famílias, já que estas também participam direta ou indiretamente nas atividades. No futuro irei tentar dinamizar e colaborar em atividades do género, colaborando e motivando outros professores a participar.

6. Área 4 – Relação com a comunidade

O Guia de Estágio 2013-2014 define que uma das competências nesta área prende-se com a identificação, apreciação crítica e intervenção ativa nas atividades inerentes à direção de turma e do conselho de turma, como tal coadjuvei a diretora de turma do 7ºB ao longo do meu ano de estágio.

O trabalho do diretor de turma multifacetado e de grande complexidade. Segundo Boavista e Sousa (2013):

este docente constitui um elemento determinante na mediação de conflitos, que não se encerram apenas no recinto escolar, ramificando-se e multiplicando-se por toda a comunidade educativa. Acumula ainda numerosas funções

burocráticas, necessitando de desenvolver, através de técnicas específicas, capacidades para o exercício de todas as tarefas de coordenação que executa.

No que toca às interações, o diretor de turma é um professor encarregue de fazer várias ligações dentro da comunidade escolar, como referem os mesmos autores, “o Diretor de Turma constitui uma peça fundamental na relação interna entre o grupo – turma e o grupo – professores, bem como na relação externa que estabelece com os encarregados de educação” (Boavista & Sousa, 2013)

Ainda antes do início do ano letivo, tive oportunidade de conhecer a diretora de turma e nessa mesma reunião fiquei a perceber a importância e complexidade do trabalho do diretor de turma.

O trabalho de apoio à diretora de turma iniciou-se com a preparação e organização dos documentos relativos aos alunos da turma. Começámos por ler e analisar todos os processos individuais, identificando os alunos que pudessem necessitar de alguma atenção especial e os alunos com retenções ao longo do seu percurso escolar. Este processo foi-me bastante útil, porque quando fui dar as primeiras aulas, já sabia de antemão os alunos que à partida teriam mais ou menores dificuldades à disciplina, porque sabia o histórico dos mesmos no segundo ciclo. Neste dia organizámos também o dossiê de turma, com todos os documentos necessários às tarefas burocráticas como o regulamento interno da escola ou a legislação em vigor, bem como espaço para as atas dos conselhos de turma e das reuniões de pais, participações ou comunicações com os encarregados de educação. Foi também preparada a receção aos alunos, bem como a primeira reunião de encarregados de educação e o conselho de turma.

O primeiro conselho de turma é bastante importante para o desenrolar do resto do ano já que é aqui que “devem ser apresentados o enquadramento socioeconómico e cultural da turma; a caracterização de situações de diversidade étnica, linguística e cultural; o passado escolar dos alunos e a caracterização da turma em geral” (Roldão, 1995). Desta forma, em conjunto com a diretora de turma, apresentámos os alunos da turma e todas as informações que considerámos relevantes. Esta reunião foi muito importante também para o meu processo de estágio, já que foi aqui que fiquei a conhecer os restantes professores da turma e estes acolheram-me de uma forma muito positiva tratando-me como um deles, apesar de ser um professor estagiário.

Outra das competências a desenvolver neste período de estágio tinha a ver com estudar e conhecer a turma, identificando as suas principais características sociais e culturais bem como a influência delas no trabalho da direção de turma e nas aulas. Para isto, apliquei uma ficha biográfica e um teste sociométrico, estes documentos compuseram

o estudo de turma. O primeiro documento permitiu-me conhecer melhor cada um dos alunos, o contexto socioeconómico e qual a sua relação com a disciplina de Educação Física. O teste sociométrico deu-me hipótese de conhecer as relações existentes na turma, quais os alunos mais escolhidos e quais aqueles mais rejeitados. Considero que os diretores de turma devem efetuar este teste nas suas turmas, uma vez que lhes permite perceber quais os alunos que são excluídos e rejeitados pelos colegas, situações que podem originar constrangimentos no clima de trabalho da turma, para além de eventuais manifestações complicadas em termos comportamentais. Assim, o diretor de turma em conjunto com os outros professores podem adotar medidas para prevenir e remediar estas situações, promovendo o espírito de cooperação dentro da turma.

Em relação à minha ação nas aulas de Educação Física, este trabalho permitiu-me perceber as relações existentes na turma e assim modificar os grupos de forma a promover a inclusão daqueles que tinha sido mais rejeitados no teste sociométrico, como o Aníbal ou a Bruna Ferreira. Colocando estes alunos nos grupos dos mais escolhidos, bem como destacando os aspetos positivos ao longo da aula fez com que eles fossem mais respeitados pelos colegas.

A professora tinha definido no seu horário dois momentos para o trabalho específicos de acompanhamento à direção de turma: à segunda-feira, para a realização de trabalho burocrático e à quarta-feira para o atendimento aos pais. À segunda-feira, colaborei com a professora na justificação de faltas, controlo das cadernetas dos alunos para ver se a comunicação com os encarregados de educação estava a ser cumprida, construção dos projetos de acompanhamento ou de recuperação, entre outros. Ao fim de algum tempo já tinha liberdade e confiança para realizar estas tarefas de forma autónoma, o que me permitiu conhecer e aprender a desenvolver o trabalho de um diretor de turma, funções que decerto desempenharei no futuro. Não pude acompanhar o atendimento aos encarregados de educação, já que este era feito numa hora em que estava a ter aulas na FMH, como tal não podia estar presente. No entanto, fiz vários contatos telefónicos e participei ativamente nas reuniões de encarregados de educação.

Tive oportunidade de participar nos conselhos de turma, esta parte das funções do diretor de turma é bastante importante já que é aqui que é feita a ligação entre todos os professores para procurar e implementar as estratégias que se considerem necessárias ao sucesso da turma e/ou de algum aluno em especial. A preparação das reuniões revelou-se mais simples que o que esperava, já que a escola produzia sempre um guião com a ordem de trabalho e todos os assuntos pré definidos a tratar, isso aliado ao fato da diretora de turma ser extremamente organizada fez com que não tivesse muitas tarefas na

preparação das reuniões. Manifestei durante os conselhos de turma ou reuniões de pais, transmiti sempre a minha opinião sempre que considerei pertinente mas, acima de tudo, privilegiei a observação atenta do modo como a diretora de turma coordenava os trabalhos e exercia a sua liderança de uma forma tão natural quanto competente. Será certamente uma referência para o futuro, quando tiver de desempenhar funções semelhantes.

Um dos exemplos que melhor expressam a multidimensionalidade do trabalho do diretor de turma, foi a meio do segundo período quando surgiu um problema grave de disciplina e violência nos corredores envolvendo vários alunos da turma. Ao tomar conhecimento através de uma participação de uma funcionária, a diretora de turma começou logo a tomar medidas para que a situação não passasse impune. Aqui o primeiro passo foi falar com a funcionária para perceber mais detalhadamente o sucedido, de seguida falar com os alunos e depois os respetivos encarregados de educação. Após estes estarem informados, fomos falar com a direção no sentido de percebermos qual seriam as melhores medidas punitivas a aplicar, para que estes comportamentos não se voltassem a repetir. A solução encontrada então foi definir várias horas de serviço comunitário na biblioteca e no refeitório sob a supervisão das funcionárias da escola. Aqui colaborei no sentido de ir todos os dias verificar se os alunos tinham comparecido e se tinham cumprido as tarefas propostas. Ao longo deste processo os professores da turma foram avisados do que se tinha passado para poderem estar atentos a futuros comportamentos do género. Considero que ao longo do meu processo de estágio, este foi um dos melhores exemplos da complexidade das funções do diretor de turma, visto que no mesmo dia tivemos de comunicar com encarregados de educação, alunos, professores, direção e funcionários, tomando várias decisões ponderadas e justificadas.

O meu trabalho na área 4 foi bastante importante para o meu percurso de estágio e providenciou experiências que serão certamente importantes para o meu futuro. As funções desempenhadas na coadjuvação da direção de turma, permitiram-me ter uma relação mais próxima dos alunos, bem como conhecê-los melhor, o que me ajudou imenso nas aulas de Educação Física e no sucesso das mesmas. No entanto, considero que nos primeiros tempos poderia ter tido um papel mais pró-ativo, o que mudou após *feedback* da orientadora. Considero também que em termos de trabalho de direção de turma, esta não foi uma turma muito complicada, visto que não evidenciava problemas disciplinares graves. A principal lacuna que fica desta área é certamente no contato com os encarregados de educação, isto por dois motivos: o primeiro, tal como já referido, tem a ver com o fato de não ter estado presente nos momentos de atendimento individual aos encarregados de educação e o segundo foi a fraca participação dos mesmos na vida escolar. A maioria dos

pais dos alunos eram muito difícil contatar, visto que não atendiam as chamadas telefônicas nem respondiam aos recados da caderneta, esta situação dificultou por vezes a resolução de problemas como o caso da fraca assiduidade de uma aluna da turma.

De uma forma geral, foi uma experiência bastante enriquecedora e que me permitiu aprender as funções e exigências do trabalho de direção de turma, experiências essas que serão certamente úteis no momento em que eu tiver que assumir uma turma no futuro.

7. Conclusão

O final do meu período de estágio marca o final de um percurso de formação que se iniciou na licenciatura e que durou alguns anos e que terminou com um ano como professor estagiário de Educação Física. No entanto, não posso encarar isto como o final do meu processo formativo, esta foi a etapa de formação inicial e primeira experiência e pretendo continuar a evoluir e aprender para poder melhorar cada vez mais como professor.

Com este relatório tentei mostrar que as quatro áreas do estágio estavam interligadas e influenciavam-se mutuamente, isto verifica-se no fato de haver competências que ao serem trabalhadas e adquiridas numa determinada área fizeram com que a aquisição de outras competências fosse possível ou mais fácil. Ainda que, em determinados períodos de tempo tenha sido dada mais atenção a determinada área ou objetivos, nunca deixei de pensar nas estratégias e objetivos de todas as áreas. Pode-se então dizer que as quatro áreas do estágio foram transversais, isto da mesma maneira que o serão no futuro durante a minha ação como professor.

Ao longo de todo estágio, em todas as áreas e respetivas tarefas existiram sempre três fases: planeamento, execução e avaliação. O planeamento de qualquer tarefa influencia diretamente o seu sucesso, como tal um bom planeamento, seja de uma aula ou de um estudo de investigação é fundamental. A execução é importante na medida em que o professor tem de saber adaptar-se rapidamente bem como de analisar as ações para poder avaliar o grau de consecução dos objetivos e assim reformular (se necessário) o planeamento. Este processo enquadra-se num ensinamento sempre presente nas aulas de Análise do Processo de Ensino-Aprendizagem, que expressa que o professor deve ser um profissional reflexivo por natureza. Assim tentei sempre olhar para trás para as minhas ações e refletir, aprendendo com os erros para poder evoluir positivamente ao longo do ano letivo e pretendo continuar esta lógica no meu futuro, seja na escola ou fora dela.

O clima relacional favorável, o espírito de cooperação, bem como a partilha de conhecimentos e de experiências contribui para o sucesso do desenvolvimento profissional e pessoal dos docentes. Desta forma, considero ter sido importantíssimo o apoio e espírito

de equipa vivido no núcleo de estágio. O corpo docente e o não docente da Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro foram também fundamentais para a minha formação. Em nenhum momento fui tratado de forma diferente e sempre que necessitei tive a colaboração e o apoio de todos. As experiências partilhadas comigo e os conselhos serão para sempre recordados e tidos em conta ao longo do meu futuro.

Os alunos foram sempre fantásticos e proporcionaram desafios que me fizeram querer aprender mais e evoluir. Foi para eles que trabalhei e dediquei imenso esforço e pude colocar em prática as minhas estratégias e ideias. Os sucessos deles, como por exemplo nos torneios ou nos resultados de cada teste, deixaram-me orgulhoso e feliz, tendo sido também para mim pequenas conquistas que enriqueceram certamente este caminho.

A cada dia que passava novas dificuldades surgiam e só com persistência e trabalho foi possível superá-las, a maioria hoje já foram ultrapassadas, outras ainda em processo de superação, mas adquiri as ferramentas para as ultrapassar. A evolução na gestão da disciplina, através da pesquisa e aplicação de estratégias para prevenir os comportamentos desviantes; a melhoria na gestão organizacional da aula, conseguida através de um planeamento mais cuidado; a melhoria da qualidade e quantidade do *feedback*, conseguida com a ajuda da orientadora e das observações dos meus colegas e das aulas filmadas; a evolução no acompanhamento ao Desporto Escolar e os métodos e estratégias lá aprendidos e aproveitados nas minhas aulas de Educação Física; o estudo e análise da turma realizado na área 4, que permitiu um melhor clima relacional com os alunos; o estudo realizado, bem como a palestra possibilitaram uma sensibilização e conhecimento de um problema que não tinha bem noção, como a inclusão de alunos com deficiência numa comunidade escolar, na própria escola e nas próprias aulas e todos os desafios que isso acarreta. Para além de todas as aprendizagens e experiências que o estágio me proporcionou, passei a ver a Escola de outra forma, concluindo que com trabalho, empenho e união de toda a comunidade escolar, é possível fazer-se uma escola de sucesso que forme cidadãos participativos e ativos na sociedade, contribuindo para a valorização da mesma.

Chegado ao fim desta etapa, posso comparar o período de estágio a uma corrida de obstáculos. Isto porque este período foi marcado por imensas adversidades e dificuldades, que surgiam a cada dia, no entanto essas dificuldades tinham de ser encaradas como desafios e obrigaram-me a uma constante reflexão e procura de soluções. Esta é a realidade do professor, que passa no seu dia-a-dia a lidar com desafios constantes para os quais tem de se adaptar e encontrar estratégias para promover o sucesso dos

alunos. Então é óbvia a importância desta fase do mestrado para que possamos sentir o que os professores sentem e trabalhar no terreno todos os dias durante um ano, esta é uma experiência completamente diferente de estar apenas um mês a assistir aulas. Ao passar pelas dificuldades aprendi bastante e evolui, não só como futuro profissional, mas também como ser humano e desta forma adquiri uma “bagagem” preciosa que de outra maneira não seria possível e que porventura será a minha base para a minha atuação no futuro.

8. Bibliografia

- Cagney, T. (2009). Attitudes of general education teachers toward including students with special needs. *Graduate Theses and Dissertations*. Iowa State University.
- Carvalho, L. (1994). *Avaliação das Aprendizagens em Educação Física*. Boletim SPEF, n.º10/11 Verão/Outono de 1994, pp. 135-151
- Boavista, C. e De Sousa, Ó. (2013). O Diretor de Turma, perfil e competências. *Revista Lusófona*, 23.
- Fernandes, D. (2006). Para uma teoria da avaliação formativa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), pp. 21-59
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J. e Carvalho, L. (2001). *Programa de Educação Física (reajustamento), Ensino Básico 3º Ciclo*. Novembro de 2001
- Marcos, E. (2009). *A percepção dos professores do Ensino Básico face à inclusão das crianças/jovens com Trissomia 21, nas turmas/escolas do ensino regular* (Dissertação de Mestrado não publicada), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Mesquita, I. & Graça, A. (2009). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp.39-68). Cruz Quebrada: Edições FMH
- Onofre, M. (1996). A supervisão pedagógica no contexto da Formação Didática em Educação Física. *Formação de professores de Educação Física*.
- Renca, A. (2008). *A indisciplina na sala de aula: percepções de alunos e professores*. Tese de Mestrado. Universidade de Aveiro.
- Rodrigues, M. (2012). *As atitudes dos professores do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico face à inclusão de alunos com síndrome de Asperger no ensino regular* (Dissertação de Mestrado Não Publicada), Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa.

Roldão, I. (1995) O Diretor de Turma e a gestão Curricular. Acedido a 16 de junho de 2014 em: <http://area.dgidc.min-edu.pt/inovbasic/biblioteca/ccoge02/index.htm>

Rosa, F. (2010). *Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais no 2º ciclo do Ensino Básico: a perspetiva dos seus pares* (Dissertação de Mestrado não publicada), Escola Superior de Educação de Lisboa. Lisboa.

Rosado, A. (2009) Pedagogia do Desporto e Desenvolvimento pessoal e social. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 9-19). Cruz Quebrada: Edições FMH

Rosado, A., Mesquita, I. (2009). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto* (pp.69-130). Cruz Quebrada: Edições FMH

Rosado, A., Silva, C. (s.d) Conceitos Básicos sobre Avaliações das Aprendizagens planificação didática. In Faculdade de Motricidade Humana (Ed.), *Pedagogia do Desporto - Estudos 6* (pp. 21- 44). Cruz Quebrada: Edições FMH.

Silva, M. (2007) *O Diretor de Turma e a Gestão Curricular no Conselho de Turma - Consenso ou Conflito?*. Tese de Mestrado. Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Souza, C. (2001). *Processo de inclusão no ensino regular: percepção do aluno com deficiência intelectual, professores e família* (Dissertação de pós-graduação), Universidade de Brasília - Instituto de Psicologia, Brasil.

Teixeira, M. & Onofre, M. (2009) Dificuldades dos professores estagiários de Educação Física no Ensino. A sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico – Comunicação no X Simpósio de Poio

Tessaro, N., Wariconda, A., Bolonheis, R., Rosa, A. (2005). Inclusão escolar: visão de alunos sem necessidades educativas especiais. *Psicologia Escolar e Educacional* Vol.9, nº1, pp.105-115

Documentos consultados

Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro (2011) *Projeto Educativo*. Sintra. Documento não publicado

Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro (s.d.) *Projeto Curricular*. Sintra. Documento não publicado

Decreto de lei nº95/91 de 26 de Fevereiro. *Diário da República nº47*. Ministério da Educação. Lisboa

Escola Básica 2,3 Ferreira de Castro (s.d.) *Protocolo de Avaliação*. Sintra. Documento não publicado

Guia de Estágio – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, 2013/2014

9. Anexos

(Em DVD, no formato digital)